

MIGRAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO REGULAR PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE: um estudo na EMEF Iracema Soares

Francijane Lima dos Santos ¹
Milena Mendonça da Silva ²

RESUMO

A migração de estudantes do ensino regular para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um fenômeno presente em muitas comunidades educacionais, refletindo questões como reprovações, inserção precoce no mercado de trabalho e desmotivação escolar. No entanto, a falta de políticas públicas efetivas na EJA contribui para índices alarmantes de defasagem na aprendizagem, evasão escolar e desmotivação dos estudantes, especialmente nos ciclos III e IV. Esta lacuna na abordagem das políticas educacionais reflete-se na invisibilidade e exclusão da EJA perante as políticas educacionais, dificultando a adequada adaptação do currículo e das práticas pedagógicas às necessidades desse público. Neste contexto, o presente estudo se propõe a investigar os fatores que contribuem para o processo migratório de estudantes do ensino regular para a EJA, considerando seus aspectos sociais amplos e as percepções dos próprios estudantes sobre essa modalidade de ensino. Utilizando como referencial teórico autores como Paulo Freire (1989) Leite (2013), Filho, Cassol e Amorim (2019), a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com a aplicação de questionários a estudantes dos ciclos III e IV da EJA na EMEF Iracema Soares. Os resultados apontam para uma predominância de estudantes do sexo masculino, jovens, negros, com histórico de reprovações e inserção precoce no mercado de trabalho. A análise das respostas revela que a desmotivação, associada a fatores como trabalho e dificuldades pessoais, contribui significativamente para a evasão escolar. Além disso, a falta de adaptação do currículo escolar à realidade desses estudantes e a deficiência na formação dos professores são apontadas como desafios a serem enfrentados. Em conclusão, o estudo destaca a necessidade urgente de políticas educacionais eficazes e ações pedagógicas que promovam a inclusão e motivem os estudantes da EJA, visando garantir sua permanência e conclusão dessa etapa de ensino.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Processo migratório, Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

O perfil de estudantes matriculados na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem se caracterizando nos últimos anos por um público jovem, com média de 15 a 17 anos de idade, transferidos ou “expulsos” do ensino regular por problemas disciplinares, alto índice de repetência (distorção idade/série), falta de motivação e/ou problemas socioeconômicos ou por ingressar no mundo do trabalho.

¹ Mestranda em Educação na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, francyjane.lima@gmail.com;

² Mestranda em Educação na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mendoncamilena1@gmail.com;



Ao serem transferidos para a EJA, é necessário ponderar: a escola os acolhe? O material didático é atualizado e adequado à realidade deles? As famílias os apoiam, motivam e reconhecem a importância da educação para seu desenvolvimento pessoal e intelectual? Quais ações são desenvolvidas pelo Estado? Essas questões surgem diante do fechamento de escolas que oferecem essa modalidade, dos altos índices de abandono e da falta de políticas públicas efetivas para garantir a permanência dos alunos. Muitas vezes, a escola não consegue atender às necessidades dos estudantes, que se sentem desvalorizados devido ao contexto social em que vivem, resultando em falta de perspectivas pessoais e profissionais, o que pode levar à desmotivação e ao abandono escolar logo após a matrícula.

Uma prática educativa planejada, sistematizada e intencionada pode desempenhar um papel crucial na formação bem-sucedida de sujeitos políticos e epistemológicos. Freire (2007) ressalta que a prática educativa é um compromisso profundo e significativo, envolvendo a interação com pessoas em diferentes estágios de desenvolvimento. Os educadores desempenham um papel fundamental nesse processo, podendo influenciar positivamente ou negativamente a jornada de conhecimento dos aprendizes.

Ao unir esses aspectos na construção da aprendizagem, cria-se um ambiente no qual os alunos se sentem acolhidos e respeitados na escola, incentivando-os a não se evadir e a se engajar ativamente. Portanto, é crucial que a Educação de Jovens e Adultos promova ações pedagógicas que estimulem o protagonismo dos estudantes e que as aprendizagens sejam significativas para suas vidas cotidianas, contribuindo assim para seu desenvolvimento social, político e profissional.

Nesse sentido, o objetivo geral do presente estudo foi investigar os possíveis fatores que contribuem para esse processo migratório de estudantes do ensino regular para a Educação de Jovens e Adultos, levando em consideração os aspectos sociais em seu sentido amplo, bem como suas percepções acerca dessa modalidade. Os sujeitos do estudo foram estudantes dos ciclos III e IV da EJA da EMEF Iracema Soares, localizada no centro da cidade de Mamanguape, Paraíba.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos do estudo, inicialmente, foram realizadas pesquisas bibliográficas a fim de melhor compreender o campo e os sujeitos em questão. Foram utilizados livros e artigos e, em seguida, foi elaborado um questionário com dezesseis questões, sendo treze fechadas e três abertas. Cabe destacar aqui que se optou pelo questionário contendo a



maioria das questões fechadas devido ao contexto específico dos estudantes da EJA, pois, muitas vezes, estes alunos apresentam dificuldades na leitura e escrita.

O questionário foi aplicado presencialmente com os alunos de três turmas da referida escola no dia 15 de abril de 2024, sendo uma turma do Ciclo III e duas turmas do Ciclo IV na EMEF Iracema Soares, localizada no centro da cidade de Mamanguape, Paraíba.

Para análise de dados, optou-se pela Epistemologia Qualitativa, a qual acredita que a construção do conhecimento se dá a partir da análise das práticas, de uma realidade, que (re)produz realidades quando em contato com todos os participantes do contexto: sujeitos pesquisados, pesquisador e ambiente.

Essa convivência profissional e como residentes na região favoreceu o acesso ao ambiente de pesquisa, a qual tem em sua base metodológica a troca de experiências entre os sujeitos participantes, na qual as pesquisadoras também fazem parte do processo, como especifica González Rey:

A pesquisa qualitativa também envolve a imersão do pesquisador no campo de pesquisa, considerando este como o cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele. O pesquisador vai construindo, de forma progressiva e sem seguir nenhum critério que não seja o de sua própria reflexão teórica, os distintos elementos relevantes que irão se configurar no modelo do problema estudado (2005, p. 81).

Como se trata de um trabalho que tem como objetivos nortear estudos que interajam com a vida dos pesquisados, com poder de reflexão, transformação e aplicabilidade, este modelo de pesquisa corrobora para estes efeitos.

Tal construção de pesquisa tem caráter interpretativo, vislumbrando, neste caso, entender as especificidades das ações pedagógicas e as políticas educacionais presentes no ambiente escolar nos ciclos III e IV da EJA a partir de uma escola municipal na cidade de Mamanguape-PB.

REFERENCIAL TEÓRICO

A trajetória histórica da Educação de Jovens e Adultos no Brasil perpassa por diversos períodos de conflitos, conquistas e retrocessos, e reflete muito do perfil e atenção a qual é dada. Paulo Freire, grande propulsor dessa modalidade de ensino trouxe discussões importantes na qual refletia sobre o direito a uma educação libertadora, dialógica, movida pelo sentimento de que o cidadão deveria reconhecer suas dificuldades e lutar por melhores condições de vida. Nesse sentido,



Freire, trazendo este novo espírito da época acabou por se tornar um marco teórico na Educação de Adultos, desenvolvendo uma metodologia própria de trabalho, que unia pela primeira vez a especificidade dessa Educação em relação a quem educar, para quê e como educar, a partir do princípio de que a educação era um ato político, podendo servir tanto para a submissão como para a libertação do povo. (Scortegagna; Oliveira 2006, p.5)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996) garante o acesso, mas deixa a desejar na permanência desse público nas escolas, pois, a qualidade do ensino, a formação dos profissionais, a marginalização pela qual é tratada acarreta os altos índices de repetência e evasão escolar nos quais se tem observado, demonstrando-se que algo deve ser revisto, reformulado. Marquez e Godoy (2020) discutiram como a EJA tem sido constantemente relegada a um plano secundário nas políticas educacionais, citando o exemplo da crítica à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em que a influência da iniciativa privada foi apontada como um dos principais motivos. Eles observaram que na primeira versão preliminar da BNCC, não houve menção à EJA, com o Ministério da Educação justificando que os conteúdos foram pensados para todos os estudantes em todos os níveis.

Essa falta de consideração evidenciou a invisibilidade e exclusão da EJA nas políticas educacionais. Mesmo nas versões subsequentes da BNCC as mudanças foram mínimas, destacando-se apenas a inclusão superficial de "jovens e adultos" na expressão "crianças e adolescentes", o que não aborda as especificidades da modalidade. O documento final de 2017 também falhou em fornecer orientações específicas para o desenvolvimento do currículo da EJA.

Percebe-se que essa modalidade está em declínio devido à falta de prioridade e medidas fragmentadas que não refletem a realidade dos estudantes. Para reverter essa situação, é crucial adotar medidas que garantam a permanência dos alunos com qualidade de aprendizagem, como formação continuada para professores, currículo atualizado, material didático adequado e parcerias com famílias e comunidades. Leite argumenta (2013, p.53) que é “fundamental propiciar medidas que atendam a realidade dos problemas educacionais e a permanência dos alunos com qualidade de aprendizagem e coerente que não negue a dívida histórica com esse público e não continue acumulando juros sobre essa dívida”.

Outro ponto que tem sido observado foi uma mudança significativa no perfil dos alunos que frequentam a EJA, anteriormente composta majoritariamente por adultos em busca de conclusão do ensino fundamental ou médio, a modalidade agora recebe um número crescente de jovens, muitos deles transferidos do ensino regular devido a problemas disciplinares,



repetência ou questões socioeconômicas. Essa mudança no público-alvo da EJA demanda uma adaptação nas práticas educativas, pois esses novos alunos frequentemente apresentam déficits de aprendizagem e necessidades específicas, requerendo abordagens pedagógicas diferenciadas para garantir sua efetiva inclusão e sucesso acadêmico. É o que aponta Braga (2023, p.05) ao elencar que, uma significativa amostra de adolescentes oriundos de escolas regulares procuram se matricular na EJA. São verdadeiros desafios já que eles chegam na escola marcados por experiências escolares malsucedidas e num contexto histórico de privação de direitos básicos.

Nessa perspectiva, Leite (2013) observou que as políticas públicas destinadas à universalização do ensino fundamental, voltadas principalmente para crianças e adolescentes, não têm sido eficazes em garantir a continuidade dos estudos, devido à repetência e à defasagem idade-série dos alunos. Isso resultou em um fenômeno de "rejuvenescimento" do público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas últimas décadas. Muitos jovens, após enfrentarem repetências e dificuldades de aprendizagem na escola regular, encontram na EJA uma oportunidade de recuperar o tempo perdido e seguir adiante com sua escolarização.

Com isso, é essencial um acompanhamento mais efetivo desse cenário por meio de políticas públicas adequadas. Além disso, as escolas precisam reavaliar seu atendimento a esse público, considerando a EJA em sua dimensão pedagógica, social, econômica e cultural. Conforme destacado, é evidente que essa modalidade de ensino possui outra configuração, e "as implicações do processo de "juvenilização" recorrentes e as relações entre grupos com diferentes faixas etárias surgem como outros desafios dentre as práticas escolares na modalidade". (Dos Santos; Pereira. 2020, p. 4).

Refletir sobre o contexto no qual esses jovens e adultos estão inseridos é fundamental. É preciso que esse contexto sirva de inspiração e assegure o direito desses indivíduos de aprenderem em um ambiente marcado pelo respeito e pela dignidade. Isso implica em uma luta contra ações que promovem a marginalização desses grupos. Por isso se faz necessário a busca por um trabalho coerente e que agregue valores para a essa modalidade, uma vez que, "[...] a organização escolar dominante na EJA não atende, na maioria dos casos, às necessidades formativas e possibilidades de estudo dos jovens e adultos dos extratos sociais de baixa renda." (Di Pierro e JR; Catelli, 2017, p. 56-57).

Observa-se que essa mudança do perfil dos estudantes da EJA, passa por todo um processo cultural, social e econômico visto que, "a juvenilização, intensificada na contemporaneidade, decorre das deficiências do sistema escolar como a evasão e a repetência, que ocasionam a defasagem entre a idade e série" (Carvalho, 2009, p. 01).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aos quinze de abril de 2024 realizou-se uma visita à escola (mediante agendamento prévio) na qual apresentamos aos alunos e professores os objetivos da pesquisa e foi solicitado que respondessem ao questionário. Foram três turmas analisadas: Ciclo III, Ciclo IV A e Ciclo IV B, totalizando 68 estudantes, sendo 16 alunas e alunos do ciclo III e 52 alunas e alunos do ciclo IV.

Antes mesmo do questionário ser respondido, visualizou-se nas salas de aula que a maioria dos estudantes eram homens jovens com menos de dezoito anos de idade, o que foi confirmado posteriormente pelos dados obtidos através do questionário, nos quais cerca 67,6% pertenciam a esse grupo. Para melhor visualização, foi elaborado uma tabela com as características dos estudantes, a partir dos dados coletados no questionário:

Tabela 1 - Características dos entrevistados

Gênero	Masculino - 64,7%	Feminino - 38,8%	Não binário - 1,5%
Etnia/Raça	Negros - 55,9%	Branco - 36,8%	Indígena - 7,4%
Situação Profissional	Trabalhador informal - 48,5%	Desempregado - 44,1%	Trabalhador formal - 7,4%
Renda familiar	Menos de 1 salário - 67,6%	Igual a um salário - 22,1%	Mais de um salário - 10,3%
Idade	Menos de 18 anos - 68%	18-24 anos - 21%	Mais de 25 anos - 11,8%
Reprovações	3 ou mais - 61,8%	1 reprovação - 25%	Nenhuma - 13,2%

Fonte: elaboração das autoras (2024)

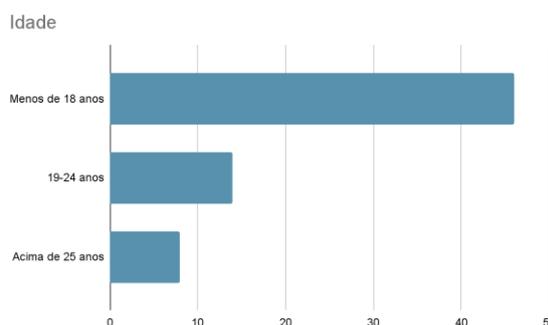
Dado o exposto, podemos fazer uma breve reflexão acerca do público matriculado na EJA da escola em questão. Percebe-se que a maioria são homens, negros, jovens com menos de 18 anos, com renda igual o inferior a um salário mínimo e com um considerável histórico de reprovações. Nesse sentido, Paiva (2006) discute que a EJA abrange uma variedade de grupos sociais marginalizados social e culturalmente, privados do acesso à cultura letrada e aos benefícios sociais, o que resulta em histórico de repetência e interrupções na trajetória escolar.

Cabe ressaltar que não é novidade que o público da EJA, em sua grande maioria, se resume a pessoas com essas características, no entanto, notou-se um fato interessante que vem sendo identificado e discutido recentemente: a faixa etária desses estudantes. Esse fenômeno vem sendo observado nos últimos anos e tem recebido o termo de “juvenilização da EJA”, uma vez que “se configuram por grupos de jovens que não estavam fora da escola, mas que, mesmo estando, regularmente, frequentando as salas de aula do ensino regular, não tiveram suas

necessidades de aprendizagem atendidas e ora são “convidados” a ingressarem na EJA”. (Carvalho, 2017, p.99)

Esse processo de “rejuvenescimento” (Leite, 2020) observado no contexto atual da EJA, aponta a (re) configuração de um público que estava dentro da escola, mas que não tiveram seus direitos garantidos e que por diversas circunstâncias foram “encaminhados”, ou “expulsos” do ensino regular, por fatores como déficit de aprendizagem ou indisciplina. E esta última, é justificada muitas vezes pela ausência da primeira. O gráfico abaixo retrata esse fenômeno de “juvenilização”, e torna evidente que, atualmente, a EJA é composta por um público jovem e distinto.

Gráfico 2 - Faixa etária

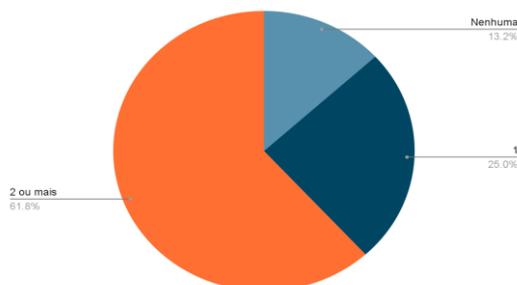


Fonte: elaboração das autoras (2024)

Muitos fatores podem contribuir para essa migração do jovem do ensino regular para a EJA, como reprovações, necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho, formação de família, entre outros. “A EJA pode estar se convertendo em mecanismo de aceleração de estudos para jovens com baixo desempenho na escola regular.” (Carvalho, 2017, p. 99). A autora também aponta que as dificuldades encontradas no sistema regular de ensino público, somadas aos desafios familiares e sociais, podem estar influenciando o aumento da procura pela EJA por parte do público jovem.

No caso dos estudantes da escola analisada, podemos identificar que a maioria apresentou um considerável histórico de reprovações, o que pode indicar que muitos desses foram desmotivados ao longo dos anos pela escola regular.

Gráfico 2 - Número de reprovações



Fonte: elaboração das autoras (2024)

Em uma questão aberta foi perguntado acerca dos motivos que os fizeram reprovar ou abandonar os estudos. Para melhor visualização, elaboramos uma tabela com categorias identificadas através das respostas.

Tabela 2 - Motivos da reprovação/ abandono dos estudos.

Categorias	Respostas
Trabalho	Trabalho, Trabalho, Trabalho
Pessoais	Gravidez precoce, Gravidez, Familiar - Fui pai, Não estava me sentindo bem-vinda na escola, Viagem, Porque não prestava atenção, Preguiça, Filho, Mudança de cidade, Casamento, Infrequência, Por causa de pontos, Porque eu quis, Às vezes é muito difícil, Pouca vontade de estudar, Por vezes é muito difícil
A diretora e professores	A diretora, o professor.
Doença	Doença, Doença na família
Pandemia	A pandemia da COVID-19
Indisciplina	Bagunça, conversa, falta de atenção, Não gosto de estudar, Por ter uma memória ruim, eu nunca lembro os assuntos, Não frequentava a escola.
Sem resposta	Não sei, nenhum.

Fonte: elaboração das autoras (2024)

A questão do trabalho surge como outro fator importante, pois a maioria dos estudantes afirmou que essa modalidade é mais flexível e atende às suas necessidades. Durante o dia, eles podem trabalhar, e à noite, estudar. Nesse sentido, Cabral (2017) diz que “fica evidente que a classe menos favorecida acaba por abandonar os estudos, pois não conseguem conciliar o estudo com o trabalho tendo de optar por trabalhar para ajudar no sustento familiar”. (Cabral, 2017, p. 3)

Desse modo, muitos recorrem à EJA para “acelerar os estudos e concluir em menor tempo para poder trabalhar”. (Estudante, 2024). Os que trabalham, cerca de 48,5%, justificam a opção de estudar na EJA, pois terão tempo de trabalhar durante o dia para ajudar na renda

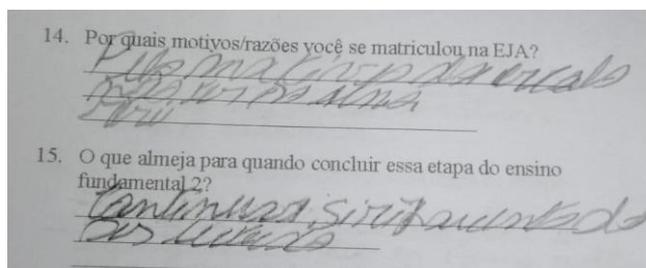
familiar, entretanto 44,1% estão desempregados, o que corrobora com o fato de serem menores de idade.

Muitos jovens acreditam que a educação pode proporcionar um emprego de qualidade, alguns almejam concluir essa etapa e seguir carreiras acadêmicas, como relatam as Estudantes (2024) que desejam “continuar os estudos, poder fazer um curso específico do meu agrado e poder exercer uma função”, ou mesmo “fazer uma faculdade, cursar enfermagem ou cursar direito”, pois “o conhecimento abre portas para se ter um trabalho digno”.

Percebe-se que existem objetivos de vida e perspectivas entre os estudantes, no entanto, alguns seguem desmotivados, e um estudante em específico chamou a atenção, sem ou quase nenhuma perspectiva de futuro diz que “não sabe, porque sou um [palavrão] de burro”. Essa reação de desvalorização da pessoa, baixo autoestima e desmotivação por anos de repetência e “insucesso” escolar resulta muitas vezes no abandono escolar.

Foi observado que alguns jovens não responderam às questões abertas, o que nos levou a reflexão se o motivo foi dificuldade na escrita, já que 32,4% são leitores sem fluência, com dificuldades em escrita, leitura e interpretação, ou de fato não quiseram responder. Sobre essa dificuldade, percebemos alunos semianalfabetos, com dificuldade na escrita e construção de frases como exemplo abaixo.

Figura 1: Questionário para EJA (questões 14 e 15)



14. Por quais motivos/razões você se matriculou na EJA?
 Fui na escola da escola
 porque não tinha
 mais

15. O que almeja para quando concluir essa etapa do ensino fundamental 2?
 continuar estudando
 no ensino

Fonte: Acervo das autoras, 2024.

Logo, as respostas foram interpretadas “pelo motivo da escola não ter só uma série” e “continuar frequentando os estudos”, entretanto, por mais que apresente essa dificuldade na escrita, deve-se valorizar que o aluno conseguiu compreender o que se perguntou. No caso da escola não “ter só uma série”, o aluno subentende que a EJA é uma modalidade de ciclos, o que faz com que ele conclua dois anos em um, ou seja, o ciclo III corresponde ao 6º/7º ano e o ciclo IV ao 8º/9º ano.

Esse processo migratório carrega as dificuldades que os jovens inseridos na EJA trazem em seu processo de escolarização e isso reflete na baixa autoestima e desmotivação de alguns



em conseguir finalizar essa etapa, pois somando os que não sabem se concluem (25%) e os que afirmaram que não irão concluir (1,6%) o ano letivo de 2024 temos 26,5% dos entrevistados.

É preocupante como a configuração atual da EJA necessita de atenção, e não se deve responsabilizar apenas a escola ou família, pois é dever do Estado, assim prescrito na Carta Magna e nas leis que regem a educação, garantir o acesso e permanência dos que frequentam essa etapa de escolarização. E para isso se faz necessário políticas públicas de qualidade, efetivas que se materializam em ações práticas e que possam de fato ser transformadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas relacionados à educação no Brasil vão além da evasão escolar e tais perpassam séculos de história. Observamos currículos desvinculados da realidade dos estudantes e uma estrutura educacional constituída para a manutenção do *status quo*, com formação voltada apenas para a mão de obra barata.

Indivíduos desmotivados, com poucas perspectivas, e os que veem na educação uma porta para uma possível mudança, têm que driblar vários obstáculos em seu percurso para conseguir galgar seus objetivos de vida. Muita coisa já foi conquistada, mediante as lutas travadas contra esse sistema opressor, entretanto, necessita-se de mais atenção para uma educação que demanda cuidados, investimentos e que seja elaborada para os interesses dos que estão no chão da escola.

Em 01 de novembro de 2023, via *YouTube*³, o Ministério da Educação, via Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI), e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), promoveu uma audiência pública, na qual foi discutido sobre a convocação de editais para aquisição de material didático via Programa Nacional do Livro Didático para educação de jovens e adultos (PNLD-EJA), visto que o último edital data de 2012. Ou seja, o material utilizado nas escolas não condiz com a realidade dos estudantes, não reflete a diversidade existente nas salas de aula brasileiras e essa discussão foi posta nessa audiência. Foi sinalizado a construção de materiais didáticos que retratem a diversidade étnico-racial (conscientes de que a maioria dos jovens e adultos que frequentam a EJA são pessoas negras) como marca essencial na construção de uma educação

³ Vídeo completo sobre a Audiência Pública no^o 01/2023 - PNLD-EJA
<https://www.youtube.com/watch?v=rGGjpGjl9ho&t=4693s>



voltada para inclusão, além de valorizar a identidade cultural, política e cultural do país, na perspectiva de evidenciar que esses jovens e adultos são sujeitos históricos.

As discussões sobre a EJA acontecem, entretanto, não é nem de longe o suficiente para solucionar os problemas que se arrastam por décadas e se faz necessário garantir que as alunas e alunos permaneçam, que concluam suas etapas de escolarização e que as políticas públicas garantam isso, assim como o acesso.

Com essa pesquisa pudemos observar os obstáculos presentes na modalidade da EJA, na EMEF Iracema Soares, pois foi apontado várias causas que justificam a evasão escolar e a falta de motivação dos estudantes. Os determinantes sociais apresentados pela pesquisa evidenciam fatores que justificam a evasão escolar, que vão desde a opção pelo trabalho aos problemas pessoais.

Diante dos resultados obtidos e das observações realizadas, foi possível ressaltar a relevância deste trabalho, uma vez que proporcionou reflexões sobre o universo da educação de jovens e adultos. Embora o perfil desses alunos tenha mudado, não houve um acompanhamento adequado do processo de "juvenilização", o que contribui para aumentar a desigualdade social.

Nessa perspectiva, torna-se necessário que escola, família e Estado atuem em conjunto, desenvolvendo projetos intersetoriais para impactar social, política e culturalmente esse público. Esses esforços devem ser guiados pela premissa de que a educação é um instrumento essencial para promover a transformação social.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Maria Dalva Uchoa. É preciso conversar sobre a EJA. Falta de investimentos, esvaziamento e o fracasso das políticas públicas: os desafios que jovens e adultos enfrentam para ter direito à educação no Brasil. **Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 5, p. 694-720, 2023.

BRASIL. Senado Federal. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 16/09/2021.

CABRAL, C. G.L. **Evasão escolar: o que a escola tem a ver com isso?**. 2017. 27 f. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Educação e Direitos Humanos) - Escola, Violências e Defesa de Direitos, Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul, Santa Catarina, 2017. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Carine.pdf>>. Acesso em: 30 de abril de 2024



CARVALHO, Carolina Coimbra de et al. **Juvenilização na EJA: significados e implicações do processo de escolarização de jovens**, 2017.

CARVALHO, Roseli Vaz. **A Juvenilização da EJA: quais práticas pedagógicas?** Caxambu-MG, 2009. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/posteres/GT18-5569--Int.pdf>>. Acesso em: 30 de agosto de 2023.

DI PIERRO, Maria Clara; JR. CATELLI, Roberto. A construção dos direitos dos jovens e adultos à educação na história brasileira recente. In. GRACIANO, Mariângela; LUGLI, Rosário S. G. (orgs). **Direitos, diversidade, práticas e experiências educativas na Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Alameda, 2017.

DOS SANTOS, Juliana Silva; PEREIRA, Marcos Villela. Os sentidos do currículo para a juventude na educação de jovens e adultos (eja). **PRÁXIS EDUCACIONAL (ONLINE)**, 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora Sim. Tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 2007.

LEITE, Sandra Fernandes. **O direito à educação básica para jovens e adultos da modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de educação, Campinas, SP. 2013. 352 p.

MARQUEZ, Nakita Ani Guckert; GODOY, Dalva Maria Alves. Políticas públicas para educação de jovens e adultos: em movimento e disputa. **Revista Ed. Popular**, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 25-42, 2020.

PAIVA, V. **Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira**. São Paulo: Loyola, 2006.

REY, F.G. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learnin, 2012.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da silva. Educação de jovens e Adultos no Brasil: Uma Análise Histórica-Crítica. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 5, n. 2, nov. 2006. 15 p. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/287/19>. Acessado em 30/08/2023.